

Heranças Genéticas do Sol e da Lua em Conjunção aos Nodos Lunares

*O Nodo Sul como Memória do Sistema
Familiar*

Astrologia e Constelações Sistêmicas | Isabel Guimarães

INTRODUÇÃO

Há mapas astrológicos que contam, logo à primeira leitura, uma história que não começou no nascimento da pessoa. Quando o Sol ou a Lua — os dois luminares, os dois centros de identidade e de emoção — se encontram em conjunção ao eixo dos Nodos Lunares, e mais especificamente ao Nodo Sul, estamos perante um mapa que traz consigo, de forma quase literal, uma herança. Não uma herança simbólica e vaga, mas um padrão concreto: um papel, uma lealdade, uma memória emocional ou identitária que pertence ao sistema familiar e que a pessoa nasceu a carregar.

Este é o território que uni no livro meu recente livro “A Memória que Não É Minha - Mas que eu vim curar” o cruzamento entre a astrologia e as constelações sistémicas de Bert Hellinger, aplicado à análise de mapas natais ao longo de mais de duas décadas de prática. Neste artigo, o foco recai especificamente sobre uma das configurações mais reveladoras encontradas em consulta — a conjunção do Sol e/ou da Lua ao Nodo Sul — mostrando como a casa e o signo onde ela ocorre indicam, com grande precisão, o que está a ser transportado e de onde vem.

A PONTE ENTRE ASTROLOGIA E CONSTELAÇÕES SISTÉMICAS

As constelações sistémicas partem de um princípio simples e, ao mesmo tempo, profundamente perturbador: nem tudo o que sentimos, repetimos ou tememos nos pertence. Fazemos parte de um sistema — a família de origem, e por vezes gerações anteriores a nós — e esse sistema tem uma ordem própria. Quando essa ordem é quebrada por um acontecimento não resolvido (uma morte precoce, um exílio, uma exclusão, um segredo, uma injustiça grave), o sistema tende a reequilibrar-se através de um membro posterior, que assume inconscientemente o lugar, o destino ou o sentimento de quem foi esquecido ou excluído.

A astrologia, por seu lado, oferece um mapa simbólico do momento em que uma pessoa entra no mundo — e esse mapa, quando interpretado com esta chave sistémica, deixa de ser apenas "psicológico" no sentido individual e passa a ser interpretado como um retrato da posição que essa pessoa ocupa dentro da teia familiar que a antecede.

O eixo dos Nodos Lunares é, para este cruzamento, o ponto de entrada mais natural. O Nodo Sul representa aquilo que já é conhecido, treinado, automático — o território de onde se vem. Em leitura sistémica, é razoável associá-lo à matriz familiar: aos padrões, papéis e lealdades que já estavam em curso antes de nascermos e que absorvemos como se fossem nossos. O Nodo Norte, pelo contrário, representa a direção de crescimento e de individuação — aquilo que a pessoa é chamada a construir, muitas vezes precisamente ao sair do padrão herdado.

Quando um luminar — Sol ou Lua —liga-se ao Nodo Sul, a herança deixa de ser um pano de fundo discreto e passa a ocupar o centro do palco.

O luminar em causa "empresta" a sua energia à repetição do padrão, tornando-a mais consciente e, com frequência, mais dolorosa até ser reconhecida.

SOL E LUA CONJUNÇÃO AO NODO SUL: O QUE ESTÁ EM JOGO

Estas duas conjunções são aqui trabalhadas em conjunto, como expressões de um mesmo fenómeno — a identidade (Sol) ou a vida emocional e instintiva (Lua) fundem-se com a memória do sistema —, ainda que valha a pena assinalar a diferença de tom entre elas:

- **Sol conjunção ao Nodo Sul** — Quando é o Sol que se liga ao Nodo Sul, a herança tende a manifestar-se mais ao nível da identidade consciente, do papel social, da relação com a figura paterna ou com quem exerceu essa função estruturante no sistema. A pessoa "é" o padrão antes de o questionar.
- **Lua conjunção ao Nodo Sul** — Quando é a Lua que se liga ao Nodo Sul, a herança instala-se sobretudo no território emocional, instintivo e corporal, frequentemente ligada à linha materna ou à qualidade do vínculo primário. A pessoa "sente" o padrão antes de o entender.

O critério de orbe usado nesta leitura é o mesmo aplicado a outras conjunções estruturantes no mapa: até 10°–12° para conjunções ao Sol e à Lua, com peso decrescente à medida que o orbe aumenta, e atenção redobrada quando a conjunção é exata (menos de 1°), momento em que a fusão entre luminar e Nodo é praticamente literal.

Importa sublinhar: esta configuração não é uma sentença. É uma indicação de trabalho. O Nodo Sul não é "mau" — é conhecido, é confortável, é onde a pessoa já sabe atuar sem pensar. O convite terapêutico não é rejeitar essa herança, mas olhar para ela, honrá-la, e escolher conscientemente o que dela continua a servir e o que já pode ser devolvido ao sistema.

PARA ALÉM DA CONJUNÇÃO: OUTROS ASPETOS E A REGÊNCIA

A conjunção é a forma mais direta e mais "fundida" desta ligação — Sol ou Lua e Nodo Sul ocupam praticamente o mesmo ponto do mapa. Mas a herança sistémica não se manifesta apenas por conjunção. Outros aspetos ao eixo dos Nodos revelam a mesma dinâmica de fundo, ainda que com uma qualidade de tensão diferente:

- **Quadratura Sol/Lua–Nodos** — Cria tensão ativa e frequentemente dolorosa entre a identidade ou o mundo emocional (Sol/Lua) e o eixo dos Nodos. A pessoa sente o padrão herdado como um obstáculo, algo que a puxa para trás precisamente quando tenta avançar. É um aspeto de crise produtiva: a herança insiste em manifestar-se através de bloqueios repetidos, até ser reconhecida e trabalhada conscientemente.
- **Oposição Sol/Lua–Nodos(Eclipse Lunar)** — Quando o Sol ou a Lua está em oposição ao Nodo Sul, está, por definição, conjunto ao Nodo Norte. Aqui a herança aparece "em espelho": a pessoa vive uma polarização constante entre o padrão familiar conhecido e o caminho de individuação, como um cabo de guerra entre dois polos do próprio sistema. É frequente esta configuração aparecer em pessoas que

sentem, literalmente, que têm de escolher entre lealdade à família e realização pessoal.

- **Trígono e sextil Sol/Lua–Nodos** — Trígonos e sextis entre os luminares e os Nodos indicam a mesma herança, mas com um fluxo mais orgânico e menos consciente — o padrão familiar é vivido com naturalidade, quase sem atrito, o que pode dificultar a sua identificação em consulta precisamente por não causar sofrimento imediato. Vale a pena questionar mesmo quando não há queixa expressa.

Nestes casos, o critério de orbe é mais apertado do que na conjunção — recomendo não ultrapassar os 6° para quadratura e oposição, e os 3° para trígono e sextil, dado que estes aspetos não têm o mesmo peso estrutural automático da conjunção.

QUANDO NÃO HÁ ASPETO DIRETO: A VIA DA REGÊNCIA

Há mapas em que o Sol e a Lua não fazem qualquer aspeto maior ao eixo dos Nodos — e, ainda assim, a herança sistémica está bem presente, revelando-se por uma via mais discreta, mas igualmente válida: a regência (ou dispositor).

Duas situações merecem atenção nesta leitura:

- **Regência por signo** — Se o Nodo Sul está num signo cujo regente é o Sol (Leão) ou a Lua (Caranguejo), esse luminar torna-se o "dispositor" do Nodo Sul — governa energeticamente o território da herança, ainda que geometricamente distante dela no mapa. A posição desse luminar (casa, signo, aspetos que recebe) passa a ser lida como extensão do próprio tema nodal.
- **Regência por casa** — Da mesma forma, se o Sol ou a Lua rege a casa onde se encontra o Nodo Sul (por exemplo, o Sol como regente da Casa X onde está o Nodo Sul), essa ligação funcional substitui, em peso interpretativo, a ausência de aspeto direto. É como se o luminar "administrasse" à distância a área de vida onde a herança se joga.

Nota

Nestes casos de regência sem aspeto direto, a herança tende a ser mais inconsciente e menos identitária do que quando existe conjunção ou aspeto maior — o luminar governa o tema, mas não se funde com ele. Ainda assim, a experiência mostrou-me que, uma vez trazida à consciência através do trabalho sistémico, esta ligação por regência é tão reveladora quanto qualquer aspeto direto, e por vezes mais difícil de "largar" precisamente por ser menos óbvia.

LEITURA POR CASA: ONDE A HERANÇA SE MANIFESTA

A casa onde ocorre a conjunção Sol/Lua–Nodo Sul indica a área de vida onde o padrão herdado se representa com mais nitidez.

Casa	Padrão herdado
Casa I	Herança que se confunde com a própria identidade e imagem pessoal — a pessoa "nasce vestida" com um papel familiar, muitas vezes continuando algo que outro membro do sistema não pôde terminar.
Casa II	Herança ligada a valores, sustento material e sentido de segurança; padrões familiares em torno do dinheiro, da escassez ou da autoestima ligada ao "ter".
Casa III	Herança que passa pela palavra, pela comunicação ou pelo lugar entre irmãos; associada a segredos de família ou informação distorcida entre gerações.
Casa IV	A mais literal de todas: herança direta da linha familiar, do lar, das raízes; lealdade inconsciente aos antepassados.
Casa V	Herança ligada à criatividade, à expressão pessoal ou à parentalidade; pode repetir um padrão de filho "especial" ou sacrificado.
Casa VI	Herança que se somatiza no corpo, na rotina ou no trabalho; frequentemente corresponde a quem serviu ou sofreu em silêncio no sistema.
Casa VII	Herança que se projeta nas relações e parcerias; padrões conjugais ou de aliança repetidos de geração em geração.
Casa VIII	Herança ligada a perdas, lutos não elaborados, heranças materiais ou segredos de morte e exclusão; a casa onde as ligações sistêmicas são mais frequentes.
Casa IX	Herança de crenças, visão de mundo ou destino familiar migratório/religioso; uma "missão" que a pessoa não escolheu.
Casa X	Herança ligada a estatuto, reconhecimento público ou destino profissional de um progenitor; sentir que é preciso continuar ou compensar o percurso do pai ou da mãe.
Casa XI	Herança ligada a pertença de grupo, causas coletivas ou um ideal que pertence a uma geração anterior.

Casa XII

A herança mais invisível: memórias não processadas, segredos e exclusões silenciadas do sistema, sentidas sem se saber a origem.

LEITURA POR SIGNO: A QUALIDADE DO PADRÃO HERDADO

O signo indica o tom energético do padrão — a forma como essa herança se expressa e o que precisa de ser transformado.

Signo	Padrão herdado
Carneiro	Herança de luta, urgência ou impulsividade; muitas vezes um antepassado que teve de lutar sozinho.
Touro	Herança de escassez ou apego excessivo à segurança material; medo de perder o que se construiu.
Gêmeos	Herança de informação cortada, segredos não ditos, irmãos separados ou silenciados.
Caranguejo	Herança emocional profunda, ligada à linha materna, ao lar e ao sentimento de pertença.
Leão	Herança de um papel de destaque ou sacrifício pela imagem e honra da família.
Virgem	Herança de serviço, dever e autocrítica; frequentemente alguém que serviu sem reconhecimento.
Balança	Herança de conflitos evitados, alianças forçadas ou casamentos de conveniência no sistema.
Escorpião	Herança de perdas, segredos graves ou traumas não elaborados; forte carga transgeracional.
Sagitário	Herança de exílio, migração ou rutura com crenças ou terra de origem.
Capricórnio	Herança de dever, rigidez ou peso da autoridade familiar; sentir que é preciso "salvar" o sistema.
Aquário	Herança de exclusão por diferença, rutura com o grupo ou ideais de uma geração anterior.

Peixes

Herança difusa, ligada a sofrimento não nomeado, vitimização ou dissolução de identidade no sistema.

EXEMPLOS

Nomes fictícios, como é norma nos casos partilhados publicamente.

MARTA — LUA EM ESCORPIÃO CONJUNÇÃO AO NODO SUL NA CASA VIII

Marta chegou à consulta com um padrão recorrente de perdas e ruturas emocionais abruptas, sem conseguir identificar a origem do medo. No trabalho sistémico, emergiu uma irmã da avó materna, falecida ainda criança, cuja morte nunca tinha sido chorada nem falada na família. Marta "sentia" esse luto sem o conhecer. O trabalho terapêutico passou por dar um lugar simbólico a essa criança esquecida — devolvendo à ascendente o peso que Marta carregava sem ser dela.

JOÃO — SOL EM CAPRICÓRNIO CONJUNÇÃO AO NODO SUL NA CASA X

Com orbe inferior a 1°, João sentia uma pressão constante para "ter sucesso" e continuar o negócio do pai, mesmo sentindo que essa não era a sua vocação. A investigação genealógica revelou um bisavô que perdera tudo numa crise económica e cuja reputação a família tentara reconstruir ao longo de três gerações. João estava, sem saber, a tentar reparar o nome da família. Reconhecer esse movimento permitiu-lhe distinguir o que era seu do que era lealdade herdada.

BEATRIZ — SOL EM PEIXES CONJUNÇÃO AO NODO SUL NA CASA XII

Beatriz vivia uma sensação difusa de "não pertencer a lado nenhum" e um padrão de autossacrifício em quase todas as relações. Na investigação sistémica, surgiu a história de um tio-avô excluído da família por doença mental, nunca mencionado. Beatriz representava, sem consciência, esse lugar de exclusão. O trabalho de constelação, associado à leitura astrológica, permitiu-lhe nomear o que antes era apenas um mal-estar sem forma.

RICARDO — NODO SUL EM LEÃO NA CASA VII, SEM ASPETO DIRETO DO SOL

O mapa de Ricardo não apresentava qualquer conjunção, quadratura ou oposição entre o Sol e o eixo dos Nodos — à primeira vista, um mapa "sem herança nodal visível". No entanto, o Nodo Sul encontrava-se em Leão, signo regido pelo Sol: o Sol tornava, assim, o disporitor do Nodo Sul, e a sua posição — na Casa V, em conjunção a Vénus — passou a ser lida como

extensão direta do tema nodal. Ricardo repetia, relação após relação, um padrão de entrega total ao parceiro, perdendo-se a si próprio em cada vínculo, sem nunca ter conseguido nomear a origem desse comportamento. A investigação sistêmica revelou uma avó paterna que renunciara à própria identidade e talento artístico (Casa V, Vénus) para sustentar o casamento e a imagem pública do marido. Ricardo herdava, por via da regência e não por aspeto direto, o mesmo movimento de apagamento de si em nome do outro — uma herança mais discreta, mas não menos determinante, precisamente por não se anunciar através de um aspeto evidente.

DO NODO SUL AO NODO NORTE: O CAMINHO DE CURA

Se o Nodo Sul mostra de onde viemos, o Nodo Norte mostra para onde estamos a ser convidados a ir. O objetivo deste trabalho — astrológico e sistêmico em simultâneo — não é cortar com a família de origem nem negar a herança recebida. É, precisamente, o contrário: honrar o que veio antes, dar-lhe o lugar e o reconhecimento que talvez nunca tenha tido, para que deixe de precisar de ser repetido de forma inconsciente. Só depois desse reconhecimento é que o movimento em direção ao Nodo Norte — à individuação, ao caminho que é verdadeiramente próprio — se torna possível sem culpa e sem rutura.

Para reter

É esse, no fundo, o convite de A Memória que Não É Minha, Mas que eu Vim Curar” reconhecer a memória que carregamos para podermos, finalmente, escolher o que dela continua a fazer sentido viver — e devolver ao sistema o que já não nos pertence.